This is an interview with a senior official of SEPPIR (Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - Special Secretariat for Policies to Promote Racial Equality).

The interview carried out by Luciane Rocha in 2017.

**XXXX –** Meu nome é XXXX, hoje eu estou diretor. Mas, eu vou ser sempre um negro. Então, independente do que for eu sempre vou ser da zona de risco. Sempre vou ser um dos que sofrem racismo, sempre vou ser o que de terno é que é o segurança. Então, a gente está aqui. Mas, nós na verdade, como diz o meu grande pai que foi fundador do Movimento negro do PDT do Rio de Janeiro, nós nascemos esquerda.

**Luciane –** Como estava o cenário político quando você chegou na SEPPIR?

**XXXX –** Na verdade eu sou dos Progressistas - Partido Progressistas. Então, nós tínhamos uma coalizão desde antes, no governo Lula e no governo Dilma. Então, nós fomos o último partido a sair da base da Presidente Dilma. Nós tínhamos um grupo de coalizão afro que eu fundei. Que era o PT com a Cida Abreu, a gente colocou ela na Fundação Palmares, não sei se você conheceu ela; PDT, PRB, PR, PMDB e o PP. E aí para fortalecer o Centrão, como a gente chama, eu criei um grupo formando bloco. O grupo era PP, PR e PRB. E aí ficava sozinho, PT, PDT, PC do B e PMDB. Então, eu já conhecia as políticas aqui. A gente ajudou na criação da SEPPIR. Sou muito amigo do Giovanni Harvey, que foi secretário aqui, nós que ajudamos a colocar Nilma, na conjunção do segundo governo da presidente Dilma. Então, nessa coalizão toda eu já conhecia o trabalho. Aí ficaram 1ano me chamando; quando fazem a cisão, o racha, eu falar racha para não ter problemas. (Risos) e quando teve o racha, o PMDB, tivemos que fazer de novo uma coalizão. Aí a coalizão foi PP, PSDB, PPS, PSB. Nessa coalização de novo o PP racha com o PMDB, sempre com a parte da cabeça. Aí se cria um bloco PSDB, onde o Juvenal foi o líder, PPS e PSB. PPS e PSB, diga-se de passagem, um a história na esquerda. E nessa construção nós colocamos a Luislinda, como SEPPIR, com trabalhos próprios ela foi ser Ministra. E botamos o Juvenal para SEPPIR. Então, ficaram 1 ano me cozinhando para vir pra cá, eu não queria vir, justamente pela conjuntura; só que tem uma outra conjuntura, a gente tem que comer, né. E o Rio, estava 3 meses sem me pagar, o estado; aí eu decidi vir pra cá, e estou aqui há 2 meses.

**Luciane**- E qual o cargo que você ocupa aqui agora?

**XXXX-** Diretor de Igualdade Racial, Promoção de Igualdade Racial.

**Luciane**- Certo! E, antes de você ser diretor? Me conte um pouco de sua história, dentro do Movimento negro?

**XXXX**- Bom eu comecei com meus 14…, no Movimento negro que você quer, né? Eu comecei em 2001 na bateria do Império Serrano. E da bateria do Império Serrano, por que, que eu falo isso? Porque é minha escola e de lá conheci o Jongo da Serrinha. E aí, eu fui ser professor de dança de salão e cidadania no Jongo da Serrinha por 4 anos. Onde a tia Maria do Jongo, virou minha madrinha espiritual. Então, na verdade a minha participação no Movimento Negro, conhecido pelo meu pai, que era do PDT na época, pela tia Leda que foi minha professora, o Senador Adias que deu algumas palestras pra gente; eu próprio, Negro Gu que nunca foi do Movimento Negro, mas, hoje está presidente do CEDINE – Conselho Estadual dos direitos do Negro, e aí a gente fazia parte das reuniões do PDT, não do Movimento Negro, porque a gente nunca gostou do Movimento negro partidário. Então, voltando aqui, vinha do Jongo da Serrinha; do Jongo da Serrinha fui ser consultor da UNESCO, no Projeto Escola de Paz no governo Garotinho. E nesse Projeto, eu dei 3 anos de aula de dança de salão e, também, cidadania no Complexo da Maré, Parque União, Magalhães Bastos – Curral das Éguas, Belford Roxo que não me lembro do nome. Todas comunidades ditas carentes. Mas, pujante de fraternidade e solidariedade. E ali eu fui vendo a realidade, “in loco”, depois fui ver a realidade do povo negro no DEGASE. Fui assistente religioso sem receber nada por 3 anos pela arquidiocese do Rio, na assistência religiosa do DEGASE. E aí que eu deparei com a realidade que 90%, 95% do DEGASE, menores infratores são negros e negras, e quando eu dava aula nessas 3 comunidades meus melhores alunos eram brancos, não eram negros. Então, fui fazendo, construindo a minha personalidade. E lá no Rio, não estou falando geral, muita decepção com os Movimentos Negros, e movimentos partidários de esquerda.

**Luciane** – Quais? Em que sentido, quais decepções?

**XXXX** – Porque se falava muito, mas, chegava no poder não se fazia nada. Digo Benedita da Silva, agora que está retornando porque perdeu muito votos. O próprio Edson Santos, que não conseguiu se eleger mais, devido ter dado as costas para o próprio Movimento Negro. O Santana da Zona Oeste, tinha muita força dos sindicatos; estou falando 3 negros que você tinha no Rio de Janeiro que deram as costas pro negro. E Jurema Batista, todas elas você deve conhecer melhor do que eu, embora, muito mais jovem que eu; mas todas eu percebi que tinha uma grande problemática. E via que no PDT, que as pessoas mais brigavam do que ajeitavam, foi aí que conheci o PP, eu tinha vindo do PDT, e lá eu tinha autonomia total para fazer o que eu queria.

**Luciane** – E como foi no Progressistas?

**XXXX** – É! Então, nós fomos o primeiro movimento negro partidário, já saindo agora da sociedade civil, a ter “trans” dentro da executiva, então nós tivemos “trans” e travesti dentro da executiva, o primeiro Movimento Negro a ter mulheres nas chefias, chefias que eu falo nas coordenações. A gente via que no movimento negro partidário do Rio, do Rio tá. Você tinha uma homofobia, uma questão de transfobia muito forte, e uma questão do machismo muito forte, uma coisa que na direita você não via. Porque a direita quer votos. Ela te abre as portas, você faz o que você quiser, desde que te dê votos, e você pode até votar contra ela. E isso aconteceu várias vezes, inclusive, só um parêntese aqui, no impeachment da Presidente Dilma, o PP Afro e a Mulher Progressista, na executiva nacional, votaram contra a indicação de votar à favor do impeachment.(…) Então, nessa realidade, voltando, nós conseguimos construir a maior Juventude Negra, dentro do estado do Rio de Janeiro. Estava no PP, a ponto de fazer um encontro, claro com muitas escolas de samba também que eu digo que é Movimento Negro mas, não está engajada nestas questões, nós tivemos um encontro com 800 jovens negros.

**Luciane** – Quando foi isso?

**XXXX** – Isso foi em 2010. Foi aonde o Presidente Lula me colocou para ser consultor de projetos, 2010, 2011, 2009 um negócio assim, tá no Diário Oficial; indicação do Dorneles – hoje vice-governador, para ser consultor cultural da Casa da Moeda. Isso tudo é fruto de um trabalho que fizemos junto com Odair Rocha, e outras pessoas também, Ricardo Cavalcante, enfim. E participamos também, mais um parêntese, da construção, como eu falei fui consultor da UNESCO, das Cotas no Rio de Janeiro, na UERJ. Nós, fomos o grupo de frente, não estava no PP, estava no PDT, Garotinho estava no PDT na época. Cidadão que está tirando férias na prisão.

**Luciane** – Preso.

**XXXX** – Preso. Mas, foi ele que começou a questão das cotas no ensino público. Nós estávamos nesse grupo. Mas, lá foi uma frente partidária. Aí voltando, ficamos no PP como estou te falando e construímos essa questão de juventude; hoje, nós o primeiro partido no Movimento negro partidário a ter uma “trans” na executiva nacional, nós fizemos questão de não separar, a gente via que separar, nós somos maioria, mas minoria nas ações políticas. Se nós separássemos a questão do negro, da liberdade religiosa e LGBT, você não tinha força para falar com o partido. Então, essa foi uma ação que nós tivemos e hoje nós temos, nós somos um partido que graças a esse trabalho, temos mais “trans” eleitas vereadoras. Nós temos 3 “trans” eleitas vereadoras, das seis. Temos 10% dos deputados afrodescendentes da Câmara. Senadores, nós não temos. Nós achamos, (particularmente eu, porque a entrevista é pessoal) se não chegar no poder, se não for uma doutora, pós doutoranda, pós seja o que for, se não tiver nos locais de destaques, para apresentar para os nossos jovens que eu conheci nas comunidades e no DEGASE; nós não vamos sair… então, seja de direita ou de esquerda nós temos que buscar o poder. Não adianta o negro ficar só na SEPPIR. Você viu, né. Quase não tem negro na SEPPIR,

**Luciane** – E isso porque é aqui na SEPPIR, imagina na sala do lado.

**XXXX –** como a gente está aqui numa conversa, é fato, você está vendo. Aqui é próprio cargo de chefia, enfim cada uma tem o seu jeito de fazer. Eu acho que primeiro combate ao racismo, é que o negro quando está no poder, ele empodere o negro. Quando eu fui presidente da FEBRAE – Federação Brasileira de Estudante, meu chefe de gabinete era negro, minha secretária era negra, a “trans” era negra; aí o pessoal: ah! Mas é uma coisa negra! Não, não é uma coisa negra. Eles falavam até que era um racismo inverso, que eu não gostava de branco. Não é que eu não goste de branco. Mas, eu estou no lugar de poder, que eu tenho que fazer valer o meu discurso. A partir do momento em que eu falo que o negro não tem chance, e não sou que falo, são as pesquisas. E quando numa gestão eu não posso construir? Fica um pouco complicado, né? E eu vi muito acontecer isso. A Benedita teve que virar evangélica, não estou questionando a fé dela, mas ela teve que agora ter os votos dos evangélicos, porque os negros não votam mais nela. Ela somente usou. A esquerda conseguiu usar e não trabalhou. E fez um grande serviço a meu ver. Quando o Brizola, sem cotas teve 4 secretários negros, inclusive (inaudível), isso em 82; Lula teve 4. Mas, olha o problema; a primeira foi demitida por causa de 3 mil reais, foi a Benedita. Era só ela devolver os 3 mil reais. O outro o Orlando, que foi demitido porque falaram que “de repente ele podia”. E os outros foram caindo, e ninguém botou ninguém.

**Luciane** – Muito frágil!

**XXXX –** E quando teve a primeira notícia que tal pessoa roubou tantos, muito mais do que o Orlando, o cara ficou, foi ficando, ficando. Então, a esquerda a meu ver, tá; de modo especial o presidente Lula fez esse desgoverno pra nós. Porque ao mesmo tempo em ele botou 4 negros, ele expôs nossa negritude. Embora, teve um grande avanço ele botar o Joaquim Barbosa. Mas, se arrepende até hoje, então...

**Luciane** – Você não acha que isso se repetiu com o escândalo que envolveu Luislinda, quando ela pediu para soma dos salários?

**XXXX –** Eu vou te dizer o seguinte, se ela não fosse negra não teria a mesma exposição. Não estou dizendo que ela acertou não. Quanto ganha o Moro? Então, errou em falar que era trabalho escravo, mas ela ganha a aposentadoria dela; aposentadoria dela é aposentadoria dela, ela trabalhou. Eu não estou falando que ela tem que ganhar os 30 mil, porque não sou do grupo político dela, eu estou por outra conjuntura. Mas, eu sempre penso quando o pessoal ataca: se não fosse negra seria a mesma coisa? Quantas pessoas ganham acima do teto? Eu fiquei sabendo não sei se é verdade que o Moro ganha 120 mil. Não estou falando se está ou errado o trabalho que ele está fazendo, porque isso aqui não é o motivo da entrevista. Mas, ninguém questiona o que ganha o judiciário. E ela desembargadora, ela juíza. Porque ela é Negra; equívocos dela, de discursos totalmente despreparados, sem dúvida nenhuma, não tiro isso. Mas, a dizer que a meu ver você está aposentada e é chamada para uma cargo, você tem direito de ganhar por aquele cargo, sua aposentadoria foi o que você trabalhou. Acho que é isso que tá… se ela não fosse negra, seria outra conjuntura. Então, você vê que o próprio governo é um governo... não só esse, mas todos os governos; estou falando isso porque acabei de falar do governo Lula, o mesmo acerto que ele fez de 4 ministros ele tirou os 4. Ele não botou outro negro no lugar, foi um maior desserviço do que se não botasse ninguém. Eu prefiro esse que botou uma, e não está tirando por todos os erros; porque, por mais que falem, se fosse no outro governo tinha tirado.

**Luciane –**Já tinha caído.

**XXXX –** Você viu e pode vê pelos outros que caíram. Essa pediu um salário a mais, porque está ganhando 3 mil, a outra foi demitida porque usou 3 mil a mais. usou 3 mil reais, ganha 33 era só devolver 3 mil para os cofres públicos; dá uma advertência. Então, você tem em todos os poderes a questão do racismo institucional muito grande. E que infelizmente muitos negros que estavam visando o cargo atacaram, em vez de entender que devem questionar o que ela falou, como eu questionei sendo funcionário, mas, que tem que saber o que está por trás.

**Luciane** – Me fala um pouquinho do seu cargo aqui? o que está suas mãos? na sua função?

**XXXX –** Ora, na minha função aqui no departamento, primeiro está o secretário Juvenal que é o secretário, você tem dois departamentos; então, fica mais fácil eu falar assim; tem o departamento dos Povos Tradicionais – que trata dos quilombos e da liberdade religiosa, o que não for desses dois assuntos na questão de negritude é meu. (Risos). Saúde da população negra, educação, cotas, cultura; cultura é mais transversal com Fundação Palmares – criada pelo Collor e institucionalizada pelo Fernando Henrique Cardoso. Mas, todas as áreas de Igualdade Racial, sem ser essas duas áreas. É do nosso departamento. Eu só estou há dois meses aqui.

**Luciane** – E o que foi possível para você fazer ou articular? Enfim o que está acontecendo nesses dois meses?

**XXXX –** Primeira coisa é conhecer a máquina, como é que ela funciona aqui. Então, a primeira coisa foi executar os 2 milhões e 800 que tinha de orçamento aqui, que quando eu cheguei não tinha executado 5%. Então, hoje eu acredito que a vantagem, graças também aos nossos servidores muitos competentes e motivados, foi a questão da execução do orçamento que era nosso. A SEPPIR, sempre tem 80%, 85%. Você depois, em janeiro, pode ligar pra mim que eu acredito que nós vamos chegar a 95% da ação orçamentária que é dinheiro público para Igualdade Racial, tendo sido executado. Fizemos nosso planejamento estratégico; diálogo com outras secretarias como o Ministério da Saúde, inclusive, hoje eu vim do almoço de aniversário, se eu soubesse que você ia estar aqui eu te levava, seria até muito prazeroso pra mim. É, nós também temos a questão da saúde da população negra, educação, as cotas que é cuidada, embora seja nossa responsabilidade, é cuidada diretamente pelo gabinete. Então, foram essas coisas que em dois meses, a gente pode dizer que foram nossos avanços. Estamos numa construção com a LINLAP que uma Universidade dita afro, das línguas portuguesas, esqueci o nome que se dá, mas …

**Luciane** – Lusofônicas

**XXXX –** É essa aí mesmo (Risos). Nós temos essa questão e a questão da ENAP, para gente tentar fazer um curso de aperfeiçoamento da questão da Igualdade Racial, e uma Pós-Graduação de Igualdade Racial, e uma reaproximação da comunidade LGBT e Juventude Negra. Onde a gente vê que o aumento da juventude cresceu muito. Mas, volto a dizer, em 2 meses (estou falando por mim, pelo departamento), achamos que em 2 meses nós avançamos como se fosse 1 ano na questão de orçamento, na questão de intercâmbio, e sem contar os turbilhões que aconteceram, os furacões. Nós chegamos e a primeira denúncia do Temer, depois veio a segunda, e nisso tudo você conseguir fazer essas coisas, eu acredito que é uma vantagem muito grande.

**Luciane** – Só para eu entender, quando você fala em executar o orçamento, o que significa isso?

**XXXX** – Você faz o orçamento, o orçamento anual. Então, nesse orçamento anual a SEPPIR ela diz o que o departamento, antigamente era secretaria, tem que executar na suas áreas afins e o que outro departamento de Povos Tradicionais tem que executar e o SINAPPIR – Sistema Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial tem que executar. Então, na verdade é um orçamento da SEPPIR, mas, que cada Departamento organiza, mas quem é o executor, o ordenador de despesa é a SEPPIR. Só que nós somos auxiliares. Então, nós colocamos como deve ser efetuada, através de planejamento no início do ano, essa execução. Então, em dois meses, eu posso dizer que em dois meses nós conseguimos executar 2 milhões.

**Luciane** – E como?

**XXXX** – Nós trabalhamos o Livro da História da África. Publicações vou começar pelas publicações; Livro da História da África; a Saúde da População Negra, que elaborou outra cartilha que teve também, as outras são convênios, a gente fez convênios com governos estaduais e municipais, e por fim o TED que é feito por universidades; que é que faz esse material pra gente, todo esse material é feito por universidades públicas federais. Então, basicamente, e um e outro seminário que a gente não conseguiu executar, e o fim são as passagens para acompanhar as conferências estaduais de Igualdade Racial. Mas ainda não tem produto nenhum.

**Luciane** – Entendi. Direcionou ali tudinho. Tenho uma listinha de perguntas que gostaria que você respondesse. Já que a gente começou falando do racha, vou retomar por aí. Como você avalia o desenvolvimento da Política de Igualdade Racial, antes e depois do racha?

**XXXX** – Mesma porcaria! Quer que fala mais? É uma porcaria, não há uma política de igualdade racial num país que é racista. Você finge que está fazendo ações. Eu acho um erro a SEPPIR. (não vai sair meu nome, não, né?)

**Luciane –** Não!

**XXXX –** Acho um erro; porque a meu ver, embora, eu estou ganhando muito bem, a gente está aqui para fazer intercâmbio; eu entendo hoje como intercâmbio para outras áreas. Mas, se não for na educação não adianta ter SEPPIR. Porque você está construindo uma órgão, primeiro não tem poder político em nenhuma gestão; nem nessa nem nas antigas. Segundo, você fica isolado. Você tem que ter SEPPIR, em todos os ministérios. Você não tem que ter um órgão da SEPPIR E quarto, as pessoas não sabem o que é SEPPIR. Se você for perguntar a uma criança ou até um intelectual, o que é SEPPIR. Então, é puxadinho pra nego ter poder.

**Luciane** – Porque fora daqui não tem espaço em lugar nenhum, né?

**XXXX –** Isso não desse governo, é de todos os governos. Eu costumo dizer, às vezes eu recebo a esquerda, né. Mas, vou voltar um pouco a ser direita. Eu costumo dizer, eu dei uma vez uma palestra no São Bento, eu sou da ANEC – Associação Nacional de Educação Católica, e lá eu obriguei os colégios da igreja católicas do estado do Rio de Janeiro a fazer o curso da lei 10.639. Foi muito bom, o bispo me apoiou, Mas, por exemplo, eu fui dá aula parar os meninos do São Bento; só tem branco e loiro, loiro eu boto com branco. Não tem um professor negro. Chegou eu lá, negro. Então, o negro que ele tem é o porteiro, é o motorista, ou a empregada doméstica. Eu não estou contra negro ser porteiro, empregada, pelo contrário é melhor do que, eu prefiro do que ficar desempregado. Só que esse jovem não tem referência. A partir do momento que ele não tem referências, eu não posso falar que ele é racista. De repente se tivesse um aluno negro ali, ele não seria. Então, às vezes existe o racismo de fato; e existe, a meu ver, tá! (Quem é intelectual é aqui, você).

Existe aquela questão do senso comum. Quantas vezes eu fui chamado de macaco por outro negro.(pausa) Não vou dizer que o outro negro é racista. Então, as vezes a gente é muito duro na nossa fala, e não chega ao cerne maior, que é a mudança de comportamento.

**Luciane** – Então, você acha que a educação é o pilar?

**XXXX** – eu não acho, eu tenho certeza! Porque, muita gente vai se assustar quando você falar que é Pós-Doutora.

**Luciane –** Ah sim! Com certeza!

**XXXX** – Falar que já passou a faculdade, e de repente, até teve uma fala minha, um erro meu. Claro mais pela sua beleza e sua juventude, mas eu nunca ia pensar que você é pós-doutoranda. Mas, dependendo como for, é racismo. Até é mestranda, mas por que você só vai ser mestranda e não pode ser doutoranda?

**Luciane –** Já botou um limite, você pode chegar até ali.

**XXXX** – Botou um limite e aí você tem que toda vez se educar, dizer que sou racista é um crime, mas eu tenho que me educar e pedir desculpas publicamente; volto a dizer sua juventude, sua beleza, faz entender que você é uma mestranda muito jovem para ser um pós doutoranda.

**Luciane** – Sim. Podemos voltar a falar da SEPPIR antes e depois do racha? Ou do papel da educação?

**XXXX** – Mas, será que se não tivesse essa beleza, essa juventude, eu não falaria a mesma coisa? E eu estou num cargo, que eu sempre falo, hoje estou aqui amanhã não estou. E eu vou voltar para sociedade civil, vou voltar a ser aquele negro, aquele cara que o pessoal vai parar para revistar só ele, os outros não vai revistar. Gosto de comer bem, e antes das pessoas perguntarem se vai pagar parcelado. Mas, eu mesmo tive um discurso, não que eu seja racista, mas o que você falou de teto. Então, é uma questão cultural. Eu até a pouco tempo falava “craro, craro”, (Risos) quem me ensinou foi uma irmã judia; que me falou eu não vou falar crucial porque eu sou judia, e crucial é cristão; eu vou falar estrelar. Eu parei assim, eu não falar mais “craro”. E aí XXXX, é claro não é “craro” não é claro, perfeito. (Risos)

**Luciane –** XXXX...

**XXXX –** Perfeito! Excelente! Acabou o “craro” até eu descobrir que… então quando eu falo da educação eu não falo só da escola, eu falo da educação como um todo. Então, se eu não tiver professores negros, professoras negras conversando sobre a igualdade racial, mas professores estranhos não vamos conseguir ter o modelo “claro”. Hoje, o movimento negro bate na única mulher negra que tem na esplanada; se sair ela, vai entrar quem? Então, a única reparação que nós temos, que nosso futebol, porque os jogadores negros não se declaram negros; a referência que nós temos uma pessoa que foi desembargadora, a primeira ação nós negros batemos. Mas, enfim, retomando à sua questão. Então, quando eu falo uma porcaria eu falo nesse sentido; eu acredito que a SEPPIR é um cabide de emprego para todos os governos não falar que existe racismo. Agora posso dizer que esse governo que chamam de golpista é o que mais está avançando na questão da igualdade racial com coisas simples. Por exemplo, o Ministério da Saúde colocar o quesito cor no SUS.

**Luciane** – mas isso vinha sendo construído faz tempo...

**XXXX** -- Muita gente, “por que botar quesito cor”? A gente não sabe como o nosso povo preto morre. Então, tá lá pressão alta; se eu botar o quesito cor, o médico que não tem… ele só faz consulta com o negro no público; então, ele vai aprender o quê? Ele vai aprender então com o branco, que é onde ele tem o seu consultório. Porque, todo médico tem sobrenome, né? Tem clínica, então… Ah! XXXX você tá falando que o médico é racista? Não estou falando, ele vai se aprimorar naquilo que ele ganha dinheiro. Mas, é mais lógico. Não tá errado, tá errado? Tá certo, assim, como você tá se promovendo numa coisa que ganha dinheiro, vai ficar no mestrado pra quê?

Então, é um avanço que ficou dez anos para ser conquistado. É uma coisa simples, tá sendo discutido a questão saúde da população negra. Então, são avanços pequenos, mas avanços concretos; porque essa decisão vai proporcionar que mais a frente, você que é muito jovem, não se pergunta idade de mulher não mas eu tô curioso, quantos anos você tem?

**Luciane** – Eu tenho 38 anos.

**XXXX** – É uma menina! Quando você tiver seus 40 daqui a 2 anos, vai poder colocar; olha a maioria da população negra morre no SUS, por essa doença, porque é estatístico.

**Luciane** – Que outros avanços você percebe neste governo?

**XXXX** – Olha, o SUS é… presta atenção, quando eu falo avanço é que o resto é a mesma coisa do outro. Uma decisão de fazer uma conferência. Eu acompanhei outras conferências, achei um avanço no sentido de se a maioria do povo negro ser contra esse governo, foi uma coragem que tem que se tirar o chapéu, que eu poderia muito bem não fazer, vai apanhar do mesmo jeito.

**Luciane** – As conferencias também já existiam. Você acha que vai ter adesão? O Diego estava dizendo que a SEPPIR tem apanhado muito, que os movimentos sociais não estão querendo aderir…

**XXXX** – Mas, todo mundo apanha. Desde o tempo em que ela foi criada e elaborada, porque eu te digo; a SEPPIR é um espaço de poder do povo negro. Então o povo negro partidário esqueceu, quando eu vim do PDT e do PP mesmo o nosso sonho era ser ministro. O sonho partidário resumiu a ser secretário da SEPPIR. Então...

**Luciane** – O teto possível.

**XXXX** – O teto possível do mestrando. E a única pessoa que discute, o único partido que discute fora disso... É a gente ou Palmares; que são os dois lugares de preto.

Entendeu, eu quero ver um dia um preto ser do Ministério da Justiça.(inaudível) Eu quero ver um dia um preto reitor. Mas, nosso limite hoje; só um parêntese todos os partidos são racistas, e os cargos de indicação são exemplos de partidos. Ah! Estado! Política de estado e não de governo, tudo balela em qualquer lugar do mundo. Em qual-quer lugar do mundo, tá. Porque os cargos políticos são indicados pelos partidos

**Luciane** – Uma curiosidade que eu tenho. Juvenal, por exemplo, ele tinha visibilidade no PSDB? Como foi indicado para o cargo na SEPPIR?

XXXX – Ele é presidente do Tucanafro, assim como eu sou presidente do PP Afro Nacional, ele é presidente do Tucanafro, só que essa visibilidade aconteceu através do momento que a gente indicou a Luislinda pra SEPPIR, ele foi o adjunto dela; então, naturalmente quando ela subiu, ele só subiu. Mas, ele, esse (inaudível) que eu te mostrei a foto são dos presidentes partidários. Entendeu?

**Luciane** – Entendi.

**XXXX** – Na verdade essa construção, fora, não tinha muita coisa. Porque os partidos, eu acho, é outra vantagem nossa do PP, a gente conversa com todo mundo. Vinha aqui, pessoal ficou desesperado, pessoal do PT meus amigos vieram aqui, entraram aqui, que foram da Palmares, vieram me beijar. Hoje, perderam a eleição esse grupo; conversamos, bem que tem uma facilidade porque na Bahia somos vice do PT. No Piauí nós somos vice do PT. Então, hoje o PP em si ele é o partido do diálogo, ele consegue dialogar com todos os partidos. PSDB, PP; PSDB, PT e PMDB, ficou um hiato muito grande. Eles se auto destroem; e o negro vai e entra nessa. Eu lá quero saber se o negro tá no PT ou PDT, eu quero ver o negro eleito. Lá no Rio foi engraçado: “você não vai ser candidato pelo PP, não”. “Não?” “Não? aqui você não tem chance de ganhar não”. Vai pautar o partido, o cara foi ganhou a eleição. Aí eu fui e trouxe para o PP, que eu não sou bobo, né. Eu tenho que ganhar o meu salário. (Risos) Mas, fica assim; então, essa visibilidade que eu falo é a visibilidade trazida pela secretária Luislinda que é desembargadora.

**Luciane** – Certo! Para você quais os eventos chaves, no tempo em que você é militante, seja na sociedade civil ou no governo, na luta antirracistas nas últimas décadas?

**XXXX** – (Pausa) As cotas. Movimento que você fala, é conquista né?

**Luciane** – É. Sim!

**XXXX** – As cotas no sentido de dar visibilidade e de pesquisa mostrada de que os negros nas universidades mudaram, principalmente nas públicas, o modo de ser das universidades. E a questão da visibilidade. “Ah! Mas, a questão da empregabilidade continua.” Mas, uma coisa é você com seu subtrabalho e uma coisa é você com seu diploma. Você ganha menos que o branco, ganha. Mas, ganha mais se não tivesse diploma. Então, você já muda essa conjuntura. Outra que eu acho que foi uma grande conquista, foi conseguir emplacar o Joaquim Barbosa. O Joaquim Barbosa é fruto do Movimento Negro. E a lei do racismo, aonde o Brasil declara claramente que há o racismo. Eu acho que eu vejo esses três, porque eu acho que são esses três te dá um olhar à frente. Tem outros muito importantes; Palmares, Fórum, só são eventos que acabou no evento. E você vem no evento tal, e eles não tiveram, não porque não queriam, um desenrolar. E por fim, concluir, partido de direita como o meu criarem movimentos negros dentro deles. Isso é um avanço. Porque, percebe que negro vota e que pode ser votado.

**Luciane** – Tem diferença? Você percebe diferença na pauta política do movimento negro partidário de esquerda ou de direita?

**XXXX** – Não. Eu vejo só a questão de golpe ou não golpe. Fora isso, é a mesma coisa. E eu acho que a direita tá até mais avançada. A esquerda parou no tempo, a meu ver. Parou no tempo, vou botar o CEDINE, por exemplo, 15 instituições. O PDT conseguiu botar 2 candidatos para disputar o CEDINE. A esquerda parou no tempo das disputas, a disputa não existe mais. Agora o que existe são grandes alianças. Como os brancos fazem. Desculpa se eu estou muito…

**Luciane** – Não, não!

**XXXX** – Então, eles continuam no ranço das disputas. Não o PT que foi, o PDT não. O PDT quem foi, foi o governante modelo para a questão de igualdade racial; que eu não gosto da igualdade racial, falo porque tô aqui. Acho que a questão é negra e negro, enfim, o Lula botou; o que é um outro retrocesso pra gente. Judeu é igualdade racial? Muçulmano é igualdade racial? Índio, tudo é igualdade racial. Mas, enfim. Por isso, é que eu falo que eles fizeram um grande desserviço pra gente. Mas, enfim, tá valendo. Aí, a gente olha assim, o PT, Brizola, o grande estadista na questão racial do negro!

**Luciane** – (Risos)

**XXXX** – Na questão racial do negro e da negra, e o PT na questão do movimento do negro e da negra. Tanto que eles são Secretaria Nacional de Combate ao Racismo. Nós somos afros, tem Tucanafro, igualdade tudo nessa nova… Mas, o PT é de combate ao racismo, e o PDT é Movimento Negro, o PSB é Negritude Socialista; enfim. Olhando assim, eu fiquei assim e percebi; e aí o PT numa eleição nacional da Secretaria de Igualdade Racial, aonde tem problemas, eles vêm com três candidatos. Então, mostra uma fragmentação que o próprio partido não abraça. Por que qual o grupo que eu tô? Uma coisa a disputa pelo partido, ai tudo bem, você tem que ir com ele. Mas, dentro de um movimento que você não tem ninguém. Que tá todo mundo desempregado. Nós estamos empregados, então, eles estão desempregados. No próximo governo nós vamos estar desempregados, e eles … entendeu? E o PDT a mesma coisa, nós não aprendemos com os quilombos; nós não aprendemos com Zumbi e com Dandara; nós temos uma imagem heroica de Zumbi, e esquecemos a principal qualidade de Zumbi que era o diálogo, que era a construção para o fortalecimento. E quando eu falo isso no Movimento Negro, eu apanho. Então, o branco entende melhor do que a gente, porque eles são assim. Então, há gente que ainda na esquerda tem aquele ranço da guerra. (inaudível) na luta.

**Luciane** – Em oposição ao outro?

**XXXX** – Do outro, que é do mesmo! Quando eu cheguei aqui, que não ainda, a primeira coisa que eu falei: “Juvenal você tem que chamar todos os segmentos raciais dos partidos”. “Não, não, não, o quê que é isso?” Agora que quase caiu vai chamar.

**Luciane** – Para fortalecer, né.

**XXXX** – Para fortalecer, ou seja, continuamos que nem os brancos usando o outro. (…) “Você quer me usar?” “Então tá eu vou ser usado. Mas, eu posso te usar?” “Então, pronto.” As pessoas têm medo de ser sinceras, aí em vez de usar um o outro, se mata. Aí, num movimento que está totalmente perdendo sua pauta; porque o movimento negro não existe mais, vamos ser sinceros. Tá totalmente, em frangalhos, só que conseguiu, por isso que eu falo da Lei Caó, conseguiu falar que ser racista é feio. Então, ficou no coletivo, por isso que eu falo que é um grande avanço. Você ser homofóbico, ainda, não é feio, é normal, é bonito, é bonito. Mas, essa questão fica assim. Aí nós, nesse momento ficamos disputando dentro da nossa seara, espaço. O que mostra claramente, hoje se você botar o movimento da Marcha da Mulher Negra, não dá mil pessoas.

(Pausa) O Movimento Negro, não viu que envelheceu, perdeu, não se reeducou.

**Luciane** – O que você vê como futuro de mobilização social?

**XXXX** – Só LGBT. Não vejo movimento negro, hoje, como uma mobilização social. Vejo negros empoderados. Mas, cada vez mais estão em partidos de direita como o meu. ( Pausa)

Porque dever ou não as cotas não é de direita ou de esquerda. É um benefício do povo negro. Ponto! Mas, hoje você pode ver que, não sei se é de propósito ou não, mas Bolsonaro tem 50% de seguidores no Facebook que são negros.

**Luciane** – Mesmo tendo todos aqueles discursos que já vazaram dele…

**XXXX** – Discurso é só pra gente. Que negro sabe o que é Quilombo? Nós não saímos de nós. Isso que é triste; o movimento negro não conseguiu chegar em negros que pensam diferentes. Ou que não querem pensar. Se você for fazer uma pesquisa num quilombo, é aquela fantasia do dia 20. Mas, tem gente que não sabe que ainda existe quilombo. Então, ele falar que quilombo…

**Luciane** –…É um bando de vagabundo.

**XXXX** – É um bando de vagabundo, ninguém sabe o que é quilombola. (Pausa)

Aí, que vem o erro da SEPPIR, que é usada erradamente, a meu ver. Eles também não falam o que é quilombola. Ou não tem força pra isso. Em todos os governos, eles falam pra gente, fazem reuniões nas tais salas bonitas, que os quilombolas… mas, vem cá, fazem uma pesquisa? Porque não é do meu departamento. Mas, todos nesses 15 anos, se deram 100 visitas a quilombolas, eu te dou um prêmio. Estou falando dos 15, 100 visitas; em 15 anos. No quilombo, lá do quilombo. Não é receber não. É ir no quilombo.

**Luciane** – Não conhecem, né? É isso que você acha?

**XXXX** – Não conhece. Eu conheci todos os Quilombos do Rio de Janeiro, e ajudei, agora, na Pedra Branca. Um eu fui e fiquei desesperado, porque peguei sarampo; que foi no Maria Conga, lá em Magé. ... mas vai lá na realidade; não tem água. Ou nossos grandes quilombos, que são as favelas, hoje. Como diz a Mangueira, “Livre dos açoites das senzalas, presos nos açoites das favelas.”

**Luciane** – E como você vê a questão da violência? O dado é que nos últimos governos, e continua neste, a população negra é a que mais morre.

**XXXX –** É, aí, eu acho que tem duas questões, né. A pobreza tem cor. E a violência aumenta aonde tá a pobreza. Então, nisso eu sou muito questionado. Mas, ela é mais uma questão social que racial. Que não quer dizer que seja uma observação que nós temos que ver porque o negro tá sendo mais pobre. Eu acho que a discussão está sendo feito errada, claramente para gente não ver o que eu chamo de causas e consequências. Nós estamos vendo a consequência. Nós não estamos vendo a causa. Então, nós continuamos falando, aí, enfraquece a gente; que o negro é o que mais morre. Mas, aonde é que ele mais morre? Você é da Baixada. Possivelmente, pela sua beleza, é da parte rica, onde é a Grande Rio, embora tenha uma favela na frente. (Risos)

Enfim, mas, você pode ver que o aumento da violência do Rio de Janeiro, é na Baixada. Aonde, a Baixada é mais negra que a cidade do Rio de Janeiro. Ou na cidade do Rio de Janeiro, onde tem mais negros é perto da Baixada; Anchieta, Pavuna, embora você está muito tempo fora, mas você está ali naquela área. Então, a partir do momento em que você pega o índice, se for botar o índice bate igual. Não posso falar isso lá fora, posso falar até aqui. Porque você é, embora eu vejo que é paixão, mas você é uma cientista. Então, fica mais fácil eu falar para você entender; a minha preocupação é essa, a gente continua não atacando a causa. A violência aumenta onde a pobreza aumenta. Aonde aquele pai não tem o que comer, ele pega e consegue se virar; mas, tem que dar para o filho. E outra, é um vício que a gente traz lá de fora, também, nós negros somos muito mulherengos, né. Aí, o negro tem um monte de mulher, também, né. Aí tem um filho ali, um filho aqui, não tem onde caber; por isso que eu falo que passa pela educação. Tu pode ver que quem tem mais amante, é o homem negro ou a mulher negra, com toda exceção; eu sou negro. Eu estou te falando, porque aquela questão de objeto sexual e do prazer, ainda, está na sociedade. E você pode ver que a mulher negra é mais desprendida que a mulher branca. A mulher negra, com todo respeito tá, a mulher negra não tem pudor e o negro também não. Pelo menos isso ficou de bom pra gente, né? Pelo menos alguma coisa dessa realidade; a meu ver, volto a dizer. Então, se você for ver numa comunidade, você já fez trabalho de campo; você sempre vai ver um homem negro com várias mulheres na comunidade. O rico até tem, mas ele tem, mas ele é rico, né. Aí o negro, quando o cara perde, vem a mulher encher o saco. A amante vem encher o saco, o homem perde a cabeça. Ah! XXXX, você é muito ardil, sou porque é uma realidade hoje, As pessoas não querem falar a verdade. Eu falo. A minha verdade. Se você for ver isso, relativamente, vai ver. Mas, é verdade. Os homens na comunidade, aquele banguela feio, mas tem mulher. Porque também é muito mais mulher na favela que homem. Deve ter, deve ser sei lá, 10 pra 1. Também tem essa conjuntura que é a mesma dos quilombos. Então, essa realidade a meu ver, voltando aqui, do aumento da violência, justamente é aonde aumenta a pobreza.

**Luciane** – E a questão do racismo institucional na segurança pública, por exemplo?

**XXXX** – Isso dificilmente vai acabar. Dificilmente isso vai acabar. Você só conseguiu acabar nos Estados Unidos, acabar que eu falo, eleger um presidente negro; porque lá o voto não é obrigatório e teve os votos dos latinos. Fora isso. O negro não vota no negro, por dois motivos; primeiro que o negro usou o voto, segundo que ele não vê esperança no outro negro. Nós não conseguimos trabalhar isso ainda na população. Os evangélicos conseguiram, a ponto dos evangélicos, hoje, ter uma trajetória, uma trajetória não, desculpa, uma estratégia até muito boa; você pode ver que maioria dos negros são evangélicos. Eu tenho deputados no partido, um é pastor da Igreja Mundial. E se você for ver bem, o Pastor Valdomiro é negro.

**Luciane** – Qual sua religião?

**XXXX** – Sou católico, mas tenho o pezinho lá na Umbanda. Eu herdeiro da minha avó carnal. Sou da Pastoral Afro, do estado do Rio de Janeiro. Mas, não presto. Voltando aqui. (Risos)

Por exemplo, você vê, a maioria da bancada negra é do PT, que aí você tem a deputada evangélica que é a Benedita empatada com a PRB; todos os deputados do PRB são negros da Universal. Tia Eron, a do Rio de Janeiro aquela de Nova Iguaçu. Solange Almeida ou Rosângela Almeida, Rosângela. E tem outro lá da Bahia, também. Então, eles pegaram essa estratégia, esses evangélicos. E os terreiros não conseguem se entender, né. Um terreiro é apedrejado, você não vê outro terreiro lá. Você tem o Ivanir, hoje, que é uma liderança, mas reúne para um evento, como foi do PT, foi já candidato, as pessoas não levam fé. Eu vejo as pessoas de terreiro falando mal dele. Fica difícil assim, né? Então, quando eu falo do racismo institucional, se você não conseguir pessoas chaves no poder chave, você não consegue.

**Luciane** – Como a SEPPIR, tem trabalhado a questão da intolerância religiosa?

**XXXX –** Eu vou falar como eu estou trabalhando.

**Luciane** – Sim

**XXXX** – A gente tá indo a vários eventos. Vai ter um livro sobre a questão de intolerância religiosa, que eu estou pedindo para SEPPIR mudar, racismo religioso. Porque intolerância religiosa não pega. Porque o evangélico tem uma coisa ótima, né; todo evento de negro tem que ter macumba. Por que todo evento de negro pode ter macumba, e não pode vir um pastor rezar?

**Luciane** – Um pastor negro, né? Já que tem…

**XXXX** – Então, também há intolerância do outro lado. Então, esse termo não pega. Quando você fala Racismo Religioso, aí pega. Tá uma disputa aqui. Você não pode passar isso não. Não pode passar isso não:

**Luciane** – Tá bom.

**XXXX** – Mas, a questão da intolerância não pega, porque o cara fala que é não é intolerante, pronto acabou. Ou liberdade religiosa, na verdade a gente fica falando muito nos terreiros, mas, há uma intolerância religiosa dentro dos próprios terreiros.

**Luciane** – Em que sentido?

**XXXX –** O cara não concorda com outro terreiro. As igrejas evangélicas e católicas, a evangélica roubou, você tem as romarias. Então, você leva todo mundo junto. Você tem aqueles grandes eventos; o terreiro raramente um vai no outro, um fala mal do outro, um rouba filho de santo de outro,… é uma coisa de louco. Aí, quando chega o Ivanir, as pessoas criticam Ivanir porque Ivanir não tem filho de santo. Então acredito que, voltando qual o órgão da SEPPIR, primeiro, infelizmente, nós não temos poder de polícia. Volta a questão da educação. Se você não chegar na questão da educação, nãos adianta. Porque a 10. 639, era um motivo para você combater o racismo religioso. Agora, também, não posso obrigar um evangélico a acreditar no orixá. (Pausa)

Eu acredito como católico. Mas, também, não posso obrigar a Renovação Carismática acreditar. Concorda comigo?

**Luciane** – Sim.

**XXXX** – Então, eu não posso obrigar um irmão evangélico, ele não é obrigado a estar num evento de Movimento Negro, onde tem que fazer gíria do Orixá. Rodar o amalá de Xangô e o acarajé de Iansã, porque é uma quarta-feira como é o dia de hoje. Eu da Pastoral Afro, até entendo, tenho meus Orixás, tudo bem. Mas, não posso que a renovação carismática da Igreja Católica, entenda. Assim como o terreiro não vai gostar que o pastor chegue lá e ore em línguas. Só que em todo país a minoria que sofre, em qualquer lugar do mundo, não é assim? A igreja não queimava as bruxas? Agora os Muçulmanos botam fogo nos outros. E assim caminha o mundo. Infelizmente, é uma questão, eu acho que é mais falta de unidade, porque quando você atacou o primeiro terreiro e falou que a culpa era dos evangélicos, você em vez de construir você criou um hiato muito grande, isso não é evangélico. Evangélico não aceita bandido. Ele quer converter o bandido, mas ele não aceita o bandido.

**Luciane** – Uma das hipóteses que levantaram seria uma aliança entre evangélicos e traficantes.

**XXXX** – É, mas ele não é evangélico. Esse cara é tudo, menos evangélico. Porque você está intolerante pelo seu… Com o evangélico. Como é que o evangélico vai aceitar o traficante? (Pausa)

Aí, a ponte que você está construindo, você acaba.

**Luciane** – O que você acha que deveria acontecer, para buscar o fim do racismo?

**XXXX** – Sinceramente, deputados e deputadas negros e negras ou que estejam a favor da pauta, ganhando eleição. Porque, quem acha que há mudança fora da política está equivocado. Porque só os deputados e deputadas vão conseguir fazer valer a lei. A lei já existe, os juízes estão. Agora inventaram, tem o racismo e outro é injúria racial, inventaram a injúria racial. Que não dá em nada. Então, se não tiver um deputado para quebrar o pau. Cotas no Judiciário, para negros e negras que são a favor da causa. Tem negros e negras que não são a favor das cotas, da causa. Desculpa. Querem ser brancos, branco que eu falo querem ser classe dominante. Não querem ser branco, branco não, querem ser a classe dominante. Entendeu? Pra mim não tem, no máximo, não vejo uma mobilização maior que mil mulheres, a Marcha das Mulheres Negras que é a maior marcha. Os LGBT, faz suruba lá, mas bota um milhão. Botou 800 mil agora, e eles não conseguem nada. E bota 800 mil. Se você juntar a Marcha pra Jesus, Corpus Christi, e o evento da Universal dá 400 mil. Os caras botaram 800 mil, sem nenhum tostão. Você acha que, com todo respeito, você acha que é o Movimento Negro com 2 mil gatos pingados consegue alguma coisa? Se não se unirem aos dirigentes ao... adianta nada, porque é através desse que será feita a cobrança. Ainda, temos, não podemos perder o que está no consciente coletivo, racismo é feio. Até o racista tem problema de falar que é racista. Ele bota uma declaração ou outra, mas vou ser muito sincero; você vai brigar comigo. Acho que você vai falar: “agora ele acabou com a coisa”. Chamar o outro de macaco pra mim não é racismo; o racismo é quando te chama de doutor e tá te sacaneando. (Pausa) Claro que não posso falar isso aqui. Eu cresci sendo chamado de macaco. E chamava o outro de viado; chamava o outro de branquelo. Às vezes, a gente generaliza, e quando a gente generaliza você não consegue ver o quê que é o racismo. (Pausa)

Eu acho a filha do casal linda, mas a pessoa quer ter o direito de falar que a filha do casal é feia. E o Movimento Negro, está comemorando que a mulher foi presa. Se não fosse um casal branco e da globo, a mulher nunca ia ser presa. As pessoas querem dizer, Oh!! E se fosse eu e você? Então, eu prefiro que a criança cresça sendo chamada de macaco, e prove que é um macaco inteligente, do que falar que não pode ser chamada de macaco e o racismo continuar. Continuar e você não detectar. Desculpa a sinceridade. Você já deve ter sido chamada, várias vezes de macaca.

**Luciane** – Sim! Muitas…

**XXXX** – E hoje, as pessoas veem você assim, e é a melhor resposta que tem. E vão continuar. Então, não é o macaco ou não macaco que vai fazer a pessoa deixar de ser racista. Aí quando você for pra frente injúria racial, não vai dar nada. Você se indispôs a ponto de tomar um tapa e não vai dar nada. E aí o pessoal acha que tá prendendo gente porque chamou a menina feiinha de macaquinha. Se a gente não entrar nessa discussão profunda, de forma clara, na educação, na formação que nós não somos filhos de escravos, herdeiros de escravos, que somos filhos de pessoas feitas escravas, de reis e rainhas, de professores; e se nós não tivermos na academia professores que mostre que Machado de Assis era negro, vão continuar na mesma coisa; tem que ter um Machado de Assis negro, no livro. Mas, eu só vou ter se tiver um político que brigue que Machado de Assis vai ser negro. Porque se não o movimento negro vai continuar dizendo que Machado de Assis era negro, que André Rebouças era um grande engenheiro negro; e ninguém ver a imagem deles negros, o que vai adiantar? E a gente, ainda, é um mentiroso. (Pausa)

**Luciane** – O cerne então para mudança a seu ver é o Congresso?

**XXXX** –É o Congresso. Por que, que é o Congresso? Porque é o Congresso que decide os Ministros. E a partir do momento, que você veja se alguém bate, eu nunca vi a Benedita, os nossos negros baterem em livros didáticos. O Machado de Assis continua aquele branquelo, o André Rebouças continua aquele branquelo; ou estou mentindo? Nós não continuar isso, vamos continuar falando, falando. Só eles que conseguem. (Pausa)

Então, são coisas que se você, a meu ver tá, não passar pela política, esquece. A política foi feita para isso. E para isso a gente tem que ganhar a eleição. E os pretos não virarem brancos na questão da classe dominadora. (Pausa)

Porque nós estamos num momento que ninguém... porquê esse momento, a juíza negra, pra globo botar alguma coisa tem. Alguma coisa tem.

**Luciane** – A Globo botar o quê?

**XXXX** – A juíza negra.

**Luciane** – Ah! Na novela.

**XXXX** – Na novela! Alguma coisa tem.

Brizola falava assim: Tá em dúvida? Veja o que a globo tá fazendo, faça o contrário. Alguma… Eles tem…Porque eu fiz marketing, fiz IBI de Marketing na Fundação Getúlio Vargas. E fiz Políticas Públicas, na IUPERJ. Embora, na IUPERJ falta a monografia, então, não concluir, mas fiz. E no marketing, eles falam a globo faz é através de alguma pesquisa que ela tem. Nós, não sabemos qual é. O Temer, a mensagem presidencial do Temer é igualdade racial. Alguma coisa tem aí.

**Luciane** – O quê que você acha que tem, qual a sua hipótese?

**XXXX** – Olha, desculpa, eu sou inteligente pra caramba. Mas, isso eu não sei não. (Risos)

Não tenho noção.

**Luciane** – É realmente, é …

**XXXX** – Quilombo, a Globo botar quilombo. Então, alguma coisa que tá pipocando. E a SEPPIR, fez uma nota de agradecimento.

Lázaro Ramos, vai ter um programa na Globo?

**Luciane** – É! Vai ter outro programa.

**XXXX –** Alguma coisa tá acontecendo. PP aceitar o afro? O PSDB? Daqui a pouco o DEM. Alguma coisa tá acontecendo, tá fora do nosso…

**Luciane –** Mas, ao mesmo tempo, apesar disso a gente tem, ainda, o discurso que racismo é “mimi” muito forte. Como você percebe isso?

**XXXX** – Olha eu não percebo, eu percebo que as pessoas não se declaram racistas, eles tem medo. Então, na verdade pra mim, esse “mimi” é para desconstruir que eles são racistas. Porque na nossa sociedade, racismo é feio. Bater em mulher não é feio, desculpa; ser homofóbico não é feio. A Maria da Penha pegou e não pegou. Você pode ir pra prisão, mas ela não pegou. O racismo pegou.

Graças a Deus. Qual a sua religião?

**Luciane** – Estou sem religião.

**XXXX** – Mas, qual você frequentava?

**Luciane** – Católica.

**XXXX –** Graças ao nosso São Benedito, que o racismo pegou. Porque senão, minha filha, estava pior. As pessoas têm medo de serem chamadas de racistas. Todo mundo sabe que Bolsonaro é racista, né. Foi do meu partido, foi. Não é mais não, tá!

**Luciane** - (Risos)

**XXXX** – Eu sei que é! Preto até que é inteligente. Legal! Entendeu/ Mas, nunca vai se dizer. Agora, ele tem orgulho em ser homofóbico.

**Luciane** – É verdade.

**XXXX** – E nós, negros, do movimento negro, não queremos assumir que Zumbi era gay. É um escândalo! Aí, fica difícil. A gente mesmo divide as bandeiras, divide. A gente deveria unir todas as bandeiras. Mas, a maioria de deputados negros, estão na Comissão dos Direitos Humanos. Ninguém trocou. Porque, é Comissão dos Direitos Humanos e Minorias. Até hoje ninguém trocou aquela porcaria. E sempre quem preside é o PP. Uma palavra, troca a palavra. Faz um… o gay é minoria, onde? Faz uma pessoa. 60% dos homens pelo menos é bissexual. Todo mundo fez meinha na infância. Eu já fiz muita meinha O negro é minoria? Também não. (Pausa). Agora eu preciso terminar.

**Luciane** – Só mais uma perguntinha. Quais ações o governo brasileiro está preparando pra a década do Afro descendente?

**XXXX** – Você quer sinceridade?

**Luciane** – Sim. Sempre!

**XXXX** – Ahn!!

**Luciane** – É só um cartaz na parede?

**XXXX** – Não. Não é só um cartaz na parede. Eu tenho críticas grandes a ONU. A ONU é que nem, ninguém sabe o quê que é a ONU. As pessoas dizem; mas, tudo bem, que você é de lá. Ninguém sabe, você tem um fundo político, se os Estados Unidos parar de pagar, acabou a ONU. Então, a ONU na verdade é um grande sindicato para os países ficarem bem. Mas, enfim, primeiro que é importante no consciente coletivo o nome ONU, né? Acho uma grande porcaria. Mas, enfim. (inaudível), mantém ações humanitárias, mas que eu nunca vi. Acho que a Cruz Vermelha, faz muito mais, a Igreja Católica, a Evangélica; enfim. A importância que tem essa década, primeiro, é você botar numa questão mundial, a questão do afrodescendente. O segundo ponto, a partir do momento que a ONU decide esse tema, significa que não é um problemática só do Brasil. É uma problemática coletiva. Então, o principal pra mim, a única coisa que tem de positivo a nível mundial, é que a ONU alerta, embora sem muita adesão, que a África sempre foi excluída por todos os países. A África sempre foi uma grande colônia, de modo especial para Europa. Só que eu acho que isso é cunho político dos Estados Unidos contra a Europa. Mas, não vem ao caso. O importante é a década que você me perguntou, e que eu mantenha essa visão pra você não me mandar embora. Então, quando ela fala década dos afrodescendentes e fala em reconhecimento de justiça e do desenvolvimento, ela abre um link para um diálogo a várias instituições que não sabe o que é ONU de fato. Você deve ter estudado sobre a ONU, né?

**Luciane –** Um pouco, conheço a Instituição.

**XXXX** – Estuda para você ver, que você vai ficar horrorizada. É como se fosse, não tem o ônibus, o rio ônibus? Essas coisas, é igualzinho. Você não sabe de onde vem o fundo, não sabe quem ganha o quê, enfim. Então, voltando para o Brasil. Deu para entender o que eu acho internacionalmente? Internacionalmente você bota a África no centro do mundo, é onde tem muito petróleo também. Mas, enfim, você bota a África no centro do mundo, tem um objetivo isso; maquiavélico, mas a gente colocar... Quando eu volto a falar da água e do petróleo. Vamos preservar a África, vamos preservar a Amazônia, pra depois a gente voltar a comprar baratinho; não sei o que, não sei que lá. A nível Brasil, na verdade é só um tema para fortalecer a nossa pauta, porque a afrodescendência tem que ser trabalhada continuamente. Mas, a partir do momento que você bota o “logo” da ONU, que no consciente coletivo é importantíssimo, você tem uma entrada que não quer dizer convencimento. Mas, você tem uma entrada e várias instituições que você não teria se não tivesse essa década. Na verdade, se você for perguntar, XXXX o que você está planejando? Nada. Pra mim, continua sendo a mesma coisa internamente. O que me ajuda externamente é falar olha ministério; a ONU, a ONU, a ONU; ela está dizendo de reconhecimento; vamos reconhecer a nossa história. Ah! A ONU, aí quando eu falo justiça, olha a cotas é uma questão de justiça, que não tá ali, a gente inventa que tá ali. Se você for ver o texto básico, tá uma porcaria, mas enfim. Reconhecimento de quê? Justiça de quê? Desenvolvimento de quê?

**Luciane** – Pra quem?

**XXXX** – Pra quem? Boa! (Risos) Vai ter que falar que eu que falei esse pra quem. (Risos)

Então, quando você bota muito bem colocado, pra quem? É reconhecimento pra quem? De quem? De quê? Se eu fizer essas questões pra ONU, ela vai colocar um monte de questões bonitinhas e cada um vai desenvolver como quiser. Ora, se eu estou falando que quero um reconhecimento, significa que ninguém conhece. (Pausa)

Reconhecimento! Então, para fora a gente usa. A ONU tal, o reconhecimento. Como ninguém sabe, né. O reconhecimento da nossa história, da nossa formação do povo brasileiro, e todos os países; porque ninguém lê o texto básico. Se alguém perguntar você já leu o texto básico, ninguém nem sabe nem que tem texto básico. Porque foi ampliado, né. Antes de 2015. Aí quando você fala justiça, justiça pra quê? Se a justiça é para o afrodescendente, nós colocamos em pauta a questão das cotas. E volto a dizer, eu sou contra o sistema adotado agora. Eu sou contra. Por que eu sou contra? Porque eu acho que não tem a verificação do que o cotista tá trazendo de volta. Assim, como eu sou contra como está sendo feito o ensino público. Você paga o ensino público, mas o que tem de volta? Você tem alguma coisa que está dando de volta. Agora, a partir do momento que as monografias não têm a ver com nada, você está fazendo um desserviço com dinheiro público. Isso a meu ver, volto a dizer, defendo sim o ensino público de qualidade, defendo sim as cotas, sou um defensor; mas acho que não basta botar o negro na faculdade. Essa fase já passou. A cota foi de 2005,2006, né?

**Luciane –** é.2003 na UERJ.

**XXXX** – E se você perguntar no Rio de janeiro, qual o recorte do negro na sociedade, você não tem. E qual daqueles negros são gratos ao sistema de Cotas você também não tem. (Pausa)

**Luciane** – Você diz que essa fase já passou, por quê?

**XXXX** – Quando eu falo que a fase já passou, a fase de colocar o negro na universidade. Agora, é a hora do negro da universidade construir a sociedade. Que foi que Zumbi fez, André Rebouças fez, Machado de Assis fez. O quê que esse povo negro está produzindo pra sociedade. Precisamos de novos Machados de Assis, precisamos de novos Luiz Gama que nunca foi formado, mas… Precisamos de novas pessoas que tragam algo de novo para o país.

**Luciane** – Mas, talvez, esses novos estão lá escondidos nas favelas e não vão entrar, se não tiver o sistema de cotas para eles.

**XXXX** – Aí, é que tá. Quem vai validar, agora, o sistema de cotas, são os cotistas que já tiveram. (pausa)

É isso que eu falo a gente está na segunda fase. Eu não tô falando que cota tem que acabar. Esses cotistas têm que chegar com o aval dos cotistas que se formaram, e isso eu não vejo. Não sei se você vê, você que é a pesquisadora. Eu não vejo os cotistas que se formaram trazer de volta, e motivar as bases a entrar pela cota na universidade. E falar que valeu a pena. Então, você já tem pelo menos 5 gerações que se formaram, no mínimo. Eu falo essa falta dessa geração trazer de volta. Frei Davi, você conhece? Se você for numa reunião da Educafro, tem mais branco do que negro. Cadê esses negros formados? Aí você hoje briga pela autodeclaração. Ora, a gente sempre criticou para não ser autodeclaração. Movimento Negro, Frei Davi, não, tem quer autodeclaração porque todo mundo agora diz negro. E todo mundo é mesmo, é afrodescendente. E agora? Como é que você resolve?

**Luciane** – agora tem as bancas de verificação, né? Que estão sendo chamadas por aí de tribunais raciais.

**XXXX –** Ou seja, você tá construindo, reconstruindo, até o ponto que o pessoal, não. Acabou! Então, o que eu acho que tem se trazer, não o fim das cotas. Mas, rever a questão do cotista. Assim, não só com cotista, assim com todo ensino público. Presta atenção, eu estou falando o ensino público no geral.

Aquele branquelo lá, com todo respeito ao branco, que se formou em medicina, o quê que de volta ele trouxe para sociedade. Só que nós negros a meu ver, temos o trabalho dobrado. Porque mesmo você sendo pós-doutoranda, você, ainda tem que ser melhor do que as pós-doutorandas, ou do que a mestranda branca pra ser reconhecida. Tô mentindo?

**Luciane** – Nada.

**XXXX** – Então, se eu trago de volta quem chegou lá no degrau, eu não consigo motivar a base. O branco não precisa incentivar a base, porque ela já é a pirâmide. Tá em todas as televisões, tá em todo o canal. Então, o que eu falo das cotas pelo mandato, precisa de alguém com coragem e com mandato pra falar isso. Chamar os cotistas. Aí, Oh! Nós vamos cotizar, vamos botar, agora é de 70%. Porque os brancos sempre tiveram cotas de 100%, desde 1889 e mais até 1920, e vai e vai colocando; agora a gente tem que tirar o atraso. Entendeu, o que eu quero te dizer? E eu acho que o movimento negro perdeu essa batalha. Nós conseguimos mais não levamos. Hoje, o cotista está lá por se favorecer de ser negro. Não pela causa. Isso eu falo de 90% com muita dor no coração. E isso enfraquece a causa; porque se eu tivesse 30% de negros cotistas com a causa. Hoje, você tenha a certeza que o racismo institucional, ia cair muito.

Tem negro que se formam, que tem vergonha de falar que foi cotista. Tô mentindo? Então, nós precisamos dar uma releitura desde dentro, e isso eu faço com todo mundo. Aí, o pessoal fica desesperado. Porque agora eles podem me bater, porque eu tenho 2 anos de governo. Mas, antes eles não podiam, e eu já falava. Como é que vão me bater? Ahn o (inaudível) me bateu. Tu vai me bater? Porque eu tô no governo? Eu tô 3 meses sem receber no Rio, você quer eu fique pobre? Eu tenho família para criar, minha filha e não tenho mais de uma mulher, não. Vocês que tem. E como que faz?

Então, voltando o que você falou, o reconhecimento, é o próprio negro cotista reconhecer todas as conquistas do movimento negro. Porque ele só está estudando por causa disso. E hoje, eles não sabem disso. Hoje, se você perguntar a qualquer cotista quem é Abdias do Nascimento, quem é Lélia Gonsalez, né? Esses são os mais conhecidos, né? (Pausa)

**Luciane** – Se conhecem. Né?

**XXXX** – Aí, eu fico assim, será que valeu a pena? Valeu! Por que a gente outros negros. A gente olha assim, dá uma dor, porque eu trabalhei pelas cotas, mas não estudei por cotas. Não porque eu não queria não, eu tinha que sustentar minha casa; minha mãe. Ou eu estudava para passar ou eu ajudava minha mãe, era dança de salão, mas eu ajudava. E a FGV foi bolsa, porque o Frei Davi, sempre foi bolsa. E às vezes eu penso assim, é melhor bolsa. Que, pelo menos, o cara fica amarrado numa instituição que se ele não fizer, ele perde. Aí, ele tem tempo de construir; que nem a crisma, você fez crisma? A crisma é para fortalecer a primeira comunhão, o cara esquece. Se pegar, então, profissões que são independentes, advogado, principalmente, que a maior número, faz o concurso e acabou nem se age como negro. E aí, você entra negro no curso que se formava, mas não luta pelas cotas. E aí, o que aconteceu? Você sabotou negro no concurso público. Mas, a causa a partir do momento que você coloca o negro, ele não defende, sua causa vai enfraquecendo.

**Luciane** – Okay. Obrigada, XXXX. Sei que você tem que ir.

**XXXX** – De nada.